

CORREIO DO VOLTA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51
—
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 38
—
PORTO

Não se devolvem originaes nem se aceita collaboração que não seja sollicitada.

CARTAS D'ALGURES

Meu amigo:

Foi-me apresentado, ha dias, um rapazinho, de dezoito annos talvez, que, pela face macilenta e macerada e pela vaga melancolia do seu olhar cançado, me deu, desde logo, a impressão de que não experimentara ainda a alegria da liberdade e do amor, não sentindo, portanto, a belleza da Vida.

Não me enganei. Eu encontrava-me em frente d'um seminarista que, depois de longos mezes de clausura, vinha passar uns escassos dias de ferias junto da familia que festejára ruidosamente a sua chegada, julgando-o prompto para cantar missa nova.

Apresentou-m'o um dos meus melhores amigos. Foi isto o bastante para o seminarista me merecer immediatamente uma certa sympathia. Pu-lo, logo, á vontade, procurando comtudo não deixar perceber-lhe que havia reconhecido o seu acañamento proprio de enclausurado e, poucos momentos volvidos depois da apresentação e trocadas apenas ligeiras palavras de cortezia, o meu interlocutor, tomando ar, como que para encher-se de animo, perguntou-me abruptamente:

—Que pensa v. do caso Ferrer?

Surprehendido pela inesperada pergunta dei um salto na cadeira, mas, recuperando logo a serenidade, respondi:

—Ainda não encontrei elementos completos e seguros para o estudar, mas, não obstante isso, consultando apenas o meu sentimento e a minha razão, devo declarar-lhe que julgo o fuzilamento de Ferrer condemnavel, porque não justifico a pena de morte em caso nenhum.

—Justifica-se applicada a Ferrer! retorquiu, já um pouco nervosamente, o pallido seminarista.

Quiz ouvi-lo, pelo desejo de penetrar naquella alma tão prematuramente envelhecida, naquella cerebro que uma educação retrograda vae deformando, e por isso provoquei-o, com serenidade e bonhomia, a dar a razão do seu dito.

Resumiu-a na seguinte phrase: «a pena de morte, applicada a Ferrer, foi justa, justissima» e repetindo-a inumeras ve-

zes, num crescendo assombroso de superlativos, invocou, como auctoridades, no assumpto, para justificar a sua opinião, o *Portugal* e a *Palavra*.

Eu bem lhe recordei que elle estava prestes a ser um dos representantes de Deus e que este, descendo á terra, para pregar a Verdade, proclamara, como principios fundamentaes da sua doutrina—o amor, a paz, o perdão. Principios estes, afinal, que estão integrados no coração de todo o homem, que aspira á suprema belleza social, e que constituem a base d'essa universal familia humana em que, segundo altos espiritos candidamente annunciam, as sociedades hão-de fundir-se.

Nada adeantei com a invocação da sublime figura de Christo. O seminarista, reunindo todas as suas forças, gritou-me:

—Para Ferrer não eram demais mil mortes, se fosse possível applicar-lh'as!

Nesta phrase acabou de revelar que o educam na religião do odio, e não do amor.

Não julgue v., meu amigo, que, depois d'isto, retirei ao seminarista a sympathia que elle me havia despertado, mal o vi. Pelo contrario. Eu fiquei a olha-lo commoivamente, enternecidamente, com aquelle interesse e affecto, que se tem por alguma coisa muito querida que, a cada instante, é preciso ir ver, não vá ella perder-se, estragar-se.

Pretendi cuidar do seu sentimento que se está a adular. E então, pedindo-lhe para conter, por algum tempo, o seu odio a Ferrer, disse-lhe o que brevemente hei-de contar-lhe, não o fazendo já, porque não devo alongar mais esta carta.

6—1.º—910.

Seu do coração

A. B. C.

NOTAS LIGEIRAS

DISCURSO DA COROA

Ao discurso vulgarmente chamado da corôa, —mas a que caberia com mais propriedade o nome de discurso do ministro do reino—, que o sr. D. Manuel II leu, noutro dia, na solemnidade da abertura das cortes, temos nós ouvido apontar dois defeitos: ser curto e conter poucas promessas.

Mas, valha-nos Deus, parece-nos que estes dois factos constituem

as suas unicas virtudes. Pois não é verdade que para agradar é preciso sêr breve—e que mais vale não prometter do que faltar?

CAÇA

Ha dias, um collaborador do *Primeiro de Janeiro* chamava á caça o mais hygienico e nobre dos exercicios physicos.

Que lhe chamasse apenas—um dos mais hygienicos, concordavamos. Mas chamar-lhe—o mais nobre, ou mesmo simplesmente—nobre, revela cegueira, causada pela paixão venatoria, ou falta... de dictionario.

Só n'um caso se podia tolerar a denominação de—nobre, applicada á caça: quando esta se restringisse exclusivamente aos animaes que constituem um perigo para a vida do homem.

ADIAMENTO

Por dever de officio registamos que as cortes portuguezas, que abriram no dia 2, fecharam no dia 3, e assim se conservarão até 2 de março inclusivê.

Se estivessemos disposto a comentar o vulgarissimo facto, diriamos:

Adiamentos e adeantamentos... eis a divisa dos nossos politicos.

O BLOCO

Dessidentes e regeneradores, que haviam contrahido matrimonio, ha tempos, acabam de divorciar-se amigavelmente. Trata-se d'uma separação de pessoas apenas, e talvez temporaria. Não se separaram de bens, pela simples razão de que os não possuem. Pois se elles não alcançaram o poder...

GRALHAS

O ultimo numero d'este jornal safu crivadinho d'ellas.

A. B. C., por exemplo, não deve estar satisfeito, porque lhe trataram a *Carta d'Algures*, como se fosse de... nenhures. Pontos por virgulas, e virgulas por pontos; verbos no plural com o sujeito no singular; etc., etc. Um horror! Um horror!

Os srs. Joaquim do Carmo Almeida e Carlos Rodrigues de Figueiredo devem estar fulos. E com muita razão. O que vale ao redactor, aos typographos e ao revisor, é elles serem pessoas generosas; d'outro modo, iam todos parar á cadeia. Pois não vão attribuir-lhes um filho... Um, não dizemos bem. Dois—sendo um—entende-se—do sr. Figueiredo e outro do sr. Almeida.

Porque o caso, agora, é mais grave, lá vae a rectificação:

O menino Audemaro, que se encontra aqui em casa do nosso amigo Carvalho Junior, não é filho do sr. Joaquim do Carmo Almeida, mas do seu mano Manuel; e o menino Carlos, que tem estado doente, é filho do sr. Sebastião Rodrigues de Figueiredo, e não do seu mano Carlos.

GAZETILHA

«Reis mouros, santos c'roados,»
«Vinde p'êr quem vos c'roou...»

Era nos tempos passados,
Tempos que o Tempo levou,
O introito da cantilena
Que neste dia entooou
A gente grande e pequena.

A letra, que era da lavra
De bardo egrégio como eu,
Tinha musica macabra,
Tão piégas, Deus do ceu,
Que por certo não vivia
Surdo algum que do mal seu
Se queixasse neste dia.

Mas a verdade, porém,
Vem dizer de forma crua
Que não deixava ninguem
De cantar hoje p'la rua
«Reis mouros, santos, c'roados,»
Quer brilhasse ou não a lua,
A deusa dos namorados.

Era um louvar ao Senhor
Com tantos grupos sem fim,
Que seguiam com ardor
A cantar os Reis, assim,
Junto de cada mansão,
No leve tom de flautim
Ou de grave rabecão.

Aos primores musicaes
Que nos vinham lembrar
Os Magos orientaes,
Os tres santos reis — Gaspar,
(Ponha-lhe o dom quem quizer)
Belchior e Balthazar —
Era d'uso responder,

Com presentinhos d'estalo,
Figos, passas, vinhos, nôzes...!
E de ver era o regalo
Com que, alegre, em quentes vozes,
O grupo apodava de anjos
As ventinhas mais ferozes,
Os focinhos mais macanjos.

Mas tambem se por seu mal
Não fosse correspondido,
Num forte côro infernal
Era logo resolvido
«Que cheirava a casa a unto»
«Sendo certo e sabido»
«Ter morrido ali defunto!»

«Que cheirava a casa a breu»
—Um cheirete anti-christão—
«Morava ali algum judeu»
Sem haver contestação!
E olhem que era o do sacco
O que mais berrava então,
Fosse embora muito fraco!

A adoçar estas berratas
Trouxe a Moda cousas bellas:
Soirées, bailes, tocatas...!
Mas não toma parte nellas
A nobre alma popular.
E assim do calor d'aquellas
Nunca estas hão-de abichar.

Passando a gente em revista
Esses bons tempos, agora,
Não ha pranto que resista
A saltar dos olhos fóra!

Festejæ os Santos Reis,
O' raparigas d'outr'ora,
Dando aos pobres, se podeis.

6-1-910.

El-Vidalonga.

O que é o "Povo d'Aveiro"

III

Recuperada a serenidade, continuemos.

Para fechar o parenthesis, aberto no ultimo artigo, falta-nos responder a um ponto das cartas que algumas pessoas das nossas relações nos têm escripto a proposito d'esta campanha.

Dizem ellas:

«Decerto como toda a gente que o conhece, lamentamos que o seu nome ande na bocca do *Povo d'Aveiro*.»

Representa isto, sem duvida, uma manifestação de exagerado sentimentalismo. Explica-se. Muitas, se não todas as pessoas, que d'aquelle modo se nos dirigem, estimam-nos sinceramente. Temos provas d'isso. E estimam-nos, porque os nossos actos lhes inspiram sympathia. D'este modo, desejariam que todos fizessem de nós o mesmo conceito que ellas fazem. Ora ahi está porque lamentam que o nosso nome ande na bocca do *Povo d'Aveiro*: receiam que este jornal estabeleça corrente, forme opinião.

Não o receamos nós. Não o deviam recear ellas. Que ponham de parte o seu sentimentalismo que, aliás, nos penhora, e verão que não ha nada que justifique as suas apprehensões.

Em primeiro logar: O *Povo d'Aveiro* ainda não nos attribuiu um facto deshonroso. Um unico. Se o tivesse feito, o nosso procedimento seria outro. Encontrar-nos-íamos então em face d'uma d'estas duas hypothese: ou o facto era verdadeiro ou falso. No primeiro caso, confessavamos-lo, sujeitando-nos a todas as suas consequencias; no segundo, depois de termos provado, perante a opinião publica, pelo modo mais completo possível, que se tratava d'uma infamia, chamavamos o *Povo d'Aveiro* ao tribunal.

Estamos tão profundamente convencido de que é este o caminho que se impõe a quem, por temperamento e educação, preza a dignidade, sob qualquer dos seus aspectos, — pessoal, politico, profissional —, que não hesitariamos um momento em segui-lo. Nada mais fariamos. Nem uma palavra, que pudesse parecer offensa, cária da nossa pena. Nem uma. D'outro modo, faltariamos aos compromissos que assumimos perante a nossa consciencia. Mentiríamos a nós mesmo. Esqueceríamos os nossos deveres profissionais. Tornar-nos-íamos até indigno de que nos lessem, se por ventura não tivesse descido tanto o nivel moral da sociedade em que vivemos...

O que ahi fica dito, tem-nó ouvido muita gente. Ainda ha poucos dias o dissemos, por acaso, a quem escreve o *Democrata*. E dissemos-lhe mais: eu nunca desceria ao que v. desceu. Tivemos coragem para o dizer particularmente. Não nos falta coragem para o dizer publicamente.

*

* *

Mas o *Povo d'Aveiro* ainda não nos attribuiu um facto deshonroso. Um unico.

Não passou ainda de palavras. Mas — podem dizer-nos — ha quem acredite em palavras, embora não sejam acompanhadas de factos que as confirmem. Crêmo-lo. Mas é preciso que as palavras sejam preferidas por quem possa ser acreditado. E o *Povo d'Aveiro* não deve fazer fé para quem seja honesto, para quem seja independente, para quem não esteja obcecado, para quem pretenda julgar livremente, conscientemente. Porque o *Povo d'Aveiro* falta sempre á verdade? Não o afirmamos. Mas porque não se pôde saber quando a diz. E por uma razão clarissima: Para o *Povo d'Aveiro* não ha ninguém honesto, ninguém intelligente, senão... elle. Ou então, quando reconhece honestidade, intelligencia, talento em alguém, não é sincero. Ou ainda: quando chama burro e malandro a toda a gente, fa-lo inconscientemente — ou mentindo á sua consciencia. Todas estas hypotheses poderão dar-se. Uma, pelo menos, dá-se necessariamente.

Não passemos adiante sem o dizer: o facto que acabamos de apontar constitue a principal razão porque nós não nos cançaremos de afirmar que a obra do *Povo d'Aveiro* é profundamente desorientadora, essencialmente immoral, inteiramente regressiva.

Elle diz: é preciso levantar o nivel moral da sociedade portugueza, formar-lhe o caracter, educala e instrui-la, — e não faz outra coisa senão agravar o seu estado de profunda desmoralisação, não lhe formando, portanto, o caracter, mas deformando-lh'o ainda mais; não a educando nem a instruindo, porque da discussão dos principios passou á discussão exclusiva d'homens.

Este fim o domina: inutilisar os republicanos. Alguns, especialmente.

Os processos, de que usa, seriam, em qualquer caso, condemnaveis. O motivo que o determina não é o desejo sincero de ser util ao seu paiz. Mas conseguisse elle convencer de que o seu fim é justo, é util, não se louvariam os seus processos, não se attribuiria nobreza ao seu acto, mas não poderia deixar de reconhecer-se que concorreu para o bem social. E teria feito muito.

Mas como ha-de o *Povo d'Aveiro* convencer de que o seu fim é justo?...

Existem no partido republicano homens inferiores sob o ponto de vista moral? Ha-os em todos os partidos, ha-os em todas as sociedades. Tem-nos havido em todos os tempos. Estamos convencido de que ha-de havê-los sempre. E oxalá nos enganemos.

SEGREDOS DO CAMPO

Os campos tinham essa extensão infindavel de várzea opulenta e a quietude beatifica das tardes de verão; a amplitude serena e morna que convida a alma a scismar na grandeza da criação; a côr verde e ouro como um vestido de fada, que dá um tom quente á paisagem.

Pasciam na collina verdejante as rezes gordas e pacificas na doce liberdade do ar livre, sob a guarda vigilante do pegureiro, estendido á sombra d'um toldo de folhagem, improvisado por elle para o resguardar dos raios do sol.

Tinha quatorze annos o rapaz, e na sua phisionomia ao mesmo tempo doce e intelligente, espalhava-se o reflexo de uma melancholia que vinha d'alma e não podia de modo nenhum confundir-se com a impassibilidade triste, que caracteriza a gente do campo.

Esses homens constituem um grande perigo para a sociedade portugueza, distanciando-os tanto os seus defeitos do typo normal que não devem tolerar-se como educadores, como orientadores?

Evite-se a acção social d'esses homens. Afastem-se. Isolem-se. Mas faça-se isso por meios nobres, não esquecendo nunca a missão que compete á imprensa. Não se procure inutilisar quem é immoral, desmoralisando. Não se aniquile uma sociedade inteira, com o intuito de aniquilar alguns dos seus homens.

Convencerá o *Povo d'Aveiro* de que o seu fim é justo? Não convence ninguém que tenha independencia de espirito. E não convence, porque, começando por chamar ladrão a um homem, acaba, em virtude d'um innegavel desequilibrio das faculdades de quem o escreve, por dizer que todos são ladrões; porque é capaz de dirigir os mais infamantes nomes e attribuir os mais deshonrosos actos sêja a quem fôr, embora não tenham o mais ligeiro fundamento as suas afirmações; porque, finalmente, ninguém, que pretenda julgar conscientemente, pôde saber quando elle diz a verdade.

Tudo o que afirmamos se prova com simples transcripções. No proximo artigo algumas faremos, e, por agora, fechando o parenthesis, desde já chamamos para ellas a attenção das pessoas que lamentam que o nosso nome ande na bocca do *Povo d'Aveiro*. Se é que, depois do que fica dito, persistem nas suas lamentações...

ASSUMPTOS LOCAES

Por dois motivos só hoje voltamos a tratar do assumpto — infracção: 1.º — termos estado á espera de que a *Beira-Mar* publicasse a carta do sr. Avelino de Figueiredo, o que ainda não fez, contrariamente ao que declarou; 2.º — não conhecermos, senão ha poucos dias, factos novos, que nos permittissem acrescentar alguma coisa ao que está dito.

Bem sabemos nós que seria de melhor tactica, que daria mais interesse, não abandonar a questão, repetindo com insistencia o que uma vez se disse, inventando quando aborressese repetir, preparando, emfim, a opinião publica para um veredictum favoravel. Mas tambem sabemos qual é a missão da imprensa, e por isso temos estado calado.

Voltamos hoje a occupar-nos do assumpto, porque elementos novos surgiram que nos habilitam a fazer novas afirmações e a prova-las.

E principiamos por esta: *estamos convencido* de que o sr. Antonio Simões da Silva infringiu o

Em que scismava o rapaz, estirado de costas, no solo, os olhos no vacuo? Seria amor? Mas n'aquella idade! Seria fome? Mas junto d'elle jazia cahida a faca e o pão de milho, intacto.

Subitamente, notou com surpresa que o seu cão, o seu fiel amigo, não se achava junto d'elle. Ergueuse apressado e receioso. E alongou os olhos pela campina. Tudo dormia n'um silencio de deserto. As rezes, deitadas, não faziam um unico movimento; os novilhos saltavam contentes no circulo traçado pelas manchas escuras das vacas corpulentas. Sómente o cão, não apparecia.

La o juvenil pastor pôr-se a caminho para o procurar, assobiando, quando o viu repentinamente descer uma collina fronteira, perseguindo de perto, um homem andrajoso, mixto de ladrão d'estrada e de mendigo.

A curiosidade picava o nosso pequeno pastor, e foi com um olhar ansioso que seguiu as peripecias da lucta, caminhando entretanto para o homem e para o cão, com esse passo

acordo que assignou com os seus collegas Avelino e Aristides de Figueiredo.

E' a primeira vez que o afirmamos, porque só agora chegaram ao nosso conhecimento os factos que fundamentam a nossa convicção. E não consentiríamos mesmo que ninguém o affirmasse neste jornal, sem apresentar provas, porque isso iria de encontro á nossa orientação e porque queremos assumir a responsabilidade moral e criminal de tudo que nelle fôr publicado.

Segunda afirmação: apontam-se ao sr. Simões duas infracções, commettidas ambas no dia 31 de outubro do anno findo. Da primeira ha prova completa. Da segunda ha, pelo menos, indícios de prova.

Para nos convenceremos de que realmente a primeira se deu, basta ler o seguinte documento:

Nós abaixo assignado declaramos o seguinte:

1.º — que, encontrando-nos no dia 31 de outubro do anno passado, depois da 1 hora da tarde, á porta da pharmacia do sr. Antonio Simões da Silva, vimos este entregar a um cliente alguns medicamentos que haviam sido pedidos antes de aquella hora.

2.º — que, em seguida, e portanto depois da 1 hora da tarde, o mesmo cliente pediu ao sr. Simões para lhe vender dez reis d'um outro medicamento, o que elle fez.

3.º — que a pharmacia, que estava de serviço naquella dia, era a do sr. Avelino Dias de Figueiredo.

Eixo, 5-1-910.

(a) Edmundo Coelho de Magalhães.

(a) Aristides Dias de Figueiredo.

Só ha poucos dias tivemos conhecimento d'esta infracção. Comprehendemos o melindre que o sr. Aristides de Figueiredo, que a presenciou, teria em divulga-la. Comprehendemos que lhe repugnasse até usar do direito que o accôrdo lhe reconhece. Mas comprehendemos tambem que esse melindre, essa repugnancia, tenham cessado, desde que se convenceu de que o seu collega commettera segunda infracção e de que, portanto, era capaz de infringir o accôrdo todos os dias, se por ventura se lhe deparasse oportunidade. Da primeira vez, justificaria o sr. Figueiredo o acto do seu collega: Tratava-se de 10 reis apenas. Da segunda, já não.

Isto mesmo di-lo elle numa declaração que juntou á que fez, a nosso pedido, com o sr. Edmundo Coelho de Magalhães.

Ei-la:

Pela minha parte, cumpre-me declarar mais o seguinte:

1.º — que, á hora em que presenciei os factos acima referidos,

vagaroso e seguro que distingue o camponio reflexivo e prudente.

Mas o mendigo ou ladrão tinha avistado o pastor, e parecendo não desejar muito esperar que elle o viesse libertar dos dentes do seu cão, atirou repentinamente a centessima cacetada á cabeça do fiel molosso, acertando-lhe na ponta do focinho, a parte mais sensível que os cães possuem.

O nobre animal deu uma reviravolta e ficou estendido, inanimado.

O pastor viu, tudo isto, e um rugido de colera sacudiu-lhe o peito robusto.

— Espera ahí, que já te arranjo, malandro! exclamou elle, transportado de raiva.

E caiu como uma balla, a fuado, sobre o grupo. Não corria, voava. O varapau nodoso que levava na mão, servia-lhe para duplicar a celeridade da carreira; fincava-o no chão e dava enormes saltos de vara larga.

Pelo seu lado o salteador ou mendigo não perdia tambem o tem-

já havia fechado a minha pharmacia, em harmonia com o accôrdo que assignei com os meus collegas.

2.º — que não fiz logo publica a infracção a que assisti por duas razões: 1.ª — o diminuto preço do medicamento vendido; 2.ª — o melindre que ha sempre em denunciar um collega.

3.º — que, sem reluctancia, o faço agora, a pedido do director do *Correio do Vouga*, em primeiro logar porque declaro apenas a verdade, e, em segundo, porque estou convencido, em virtude de uma declaração feita por uma creada da Ex.^{ma} Sr.^a D. Ismenia Rego, que o meu collega Antonio Simões da Silva, no mesmo dia 31 de outubro, commetteu nova infracção.

Eixo, 5-1-910

(a) Aristides Dias de Figueiredo.

Emquanto o sr. Antonio Simões da Silva não provar que a declaração feita pelos srs. Aristides Dias de Figueiredo e Edmundo Coelho de Magalhães é falsa, está absolutamente averiguado, para os efeitos da clausula n.º 4 do accôrdo, que houve uma infracção e que, portanto, ao sr. Simões impõe-se a obrigação moral de pagar a multa de cinco mil reis.

Se o sr. Simões, não arguindo a falsidade da declaração e não a provando, não pagar a multa, deveriamos ir exigir-lh'a judicialmente. Não o faremos por este unico motivo: porque um dos declarantes assignou o accôrdo com o sr. Simões, e por isso mesmo não o podemos chamar a juizo como testemunha.

Mas nós appellamos para a consciencia do sr. Simões que não ha-de querer dar, no fim da vida, uma prova de incapacidade moral.

Não passemos adiante sem frisar este ponto: o sr. Simões, segundo a declaração acima publicada, infringiu o accôrdo apenas por dez reis. Esta insignificancia teve influencia no animo do sr. Aristides de Figueiredo, segundo elle declarou, para não divulgar o acto desleal do seu collega. Poderá tê-la em outras pessoas para julgarem menos justo o nosso procedimento. Mas pensemos todos um bocacado e havemos de concluir que — *nem pela letra nem pelo espirito do accôrdo se tem de attender ao valor dos medicamentos vendidos, para caracterisar o facto* — infracção — *mas apenas ao acto da venda em si.*

Adeante.

Passemos agora aos indícios de prova de uma segunda infracção.

Basta publicar dois documentos. E' o primeiro uma carta do distincto clinico sr. dr. Eduardo de Moura, a quem a solicitámos por escripto no dia 5 do corrente:

po a esperal-o heroicamente, e voava em retirada.

— Cobarde! murmurava, com os beiços lividos, o rapaz, correndo e saltando sempre, até que o alcançou.

Então, travou-se entre aquelles dois homens, um robusto e pesado, e o outro fraco, mas com a agilidade da infancia, uma lucta medonha, instictiva, por não saberem bem porque se batiam.

Os dois varapaus erguiam-se no ar, crvzavam-se, abaixavam-se, varriam o chão, faziam saltar a terra em penachos de poeira; quando subitamente, o que parecia mendigo soltou um grito de dor e olhou surpreendido para traz, pondo-se imprudentemente a descoberto.

Fôra o cão, que tornara a si e se lançára sobre elle, mordendo-o n'um artelho. Por este motivo não ponde o homem parar uma bordoadá que lhe vibrava á cabeça, o rapaz, e caiu redondamente banhado em sangue.

Teve grande pena, o pastor, para o livrar do cão furioso, e

Meu Ex.^{mo} amigo:

— Fui effectivamente chamado no dia 31 de outubro do anno findo para ver um neto da Ex.^{ma} Sr.^a D. Ismenia Rego.

— A minha visita realisou-se das duas para as tres horas da tarde d'aquelle dia.

— Não fui chamado com urgencia. Voltava de visitar um outro doente, quando a Ex.^{ma} Sr.^a D. Ismenia Rego, vendo-me passar em frente da sua casa, rogou os meus serviços.

— O remedio, que formulei, devia ser ministrado ao doente no dia seguinte (segunda-feira) pela manhã.

Ahi ficam exaradas as respostas ás perguntas que formulou na sua estimada carta de 5 do corrente, e d'aquellas minhas declarações fará o meu presado amigo o uso que entender.

Pondo ao seu dispor o meu limitado prestimo subscrevo-me com profunda estima e alta consideração,

De V. Ex.^o

amigo sincero e muito grato

Eduardo de Moura.

Eixo, 6-1-1910.

Resta provar, para que fique bem caracterisada uma segunda infracção, que o sr. Antonio Simões da Silva aviou a receita no mesmo dia em que o sr. dr. Eduardo de Moura a formulou.

Ouvimos dizer a mais d'uma pessoa que sim. Não tinham visto mas estavam d'isso convencidas. Porquê? Em virtude d'uma declaração feita por uma creada da Ex.^{ma} Sr.^a D. Ismenia Rego, na presença do sr. José Rodrigues Felizardo e da sr.^a Joaquina de Jesus.

Fizemos o que toda a gente, que quer apurar a verdade, faria. Dirigimo-nos ao sr. Felizardo e á sr.^a Joaquina de Jesus e perguntámos-lhe se não tinham duvida em declarar por escripto o que verbalmente haviam já declarado.

Como resposta, auctorisaram-nos a publicar o seguinte:

Declaramos que no dia 1 de novembro do anno findo uma creada da Ex.^{ma} Sr.^a D. Ismenia Rego affirmou, na nossa presença, que um neto d'esta senhora estava de purga naquelle dia. Perguntando-lhe alguém se sabia quem tinha ido buscar o remedio, em que dia e a que pharmacia, respondeu: Foi busca-lo a creada Rita, hontem, á pharmacia que fica defronte da casa da Sr.^a D. Ismenia.

Mais declaramos, por nos ser pedido, que sabemos que a creada com quem fallámos havia entrado no dia anterior para casa da sr.^a D. Ismenia Rego, não sendo portanto de extranhar que não conhe-

quando o mendigo o viu inclinar-se sobre elle para lhe examinar a ferida, disse-lhe com voz fiebil, julgando-o pelo seu proprio instinetto:

— Não me mates!

Era uma revelação. O rapazito fez um gesto de espanto e exclamou:

Eh! meu pedaço d'asno! Julgas-me algum matador como tu?

Esta resposta sincera e energica pareceu tranquilisar o desconhecido, porque desviou toda a sua attenção para o cão, que continuava a ladrar-lhe furiosamente.

O pastor curvou-se então para elle e fazendo em tiras um lenço que lhe viu ao pescoço, ligou-lhe fortemente a cabeça.

O homem murmurou:

— Isto está bom, agora. Pódes-te ir embora. Muito obrigado.

Conheceu o joven pastor que a sua presença era demais ali, e retirou-se vagarosamente na direcção das suas vacas; mas notou que o cão não o seguia, antes tomava para o alto da collina, parando,

cesse as pharmacias da terra pelos nomes dos seus proprietarios.

Eixo, 7-1-910.

(a) José Rodrigues Felizardo.

A rogo de Joaquina de Jesus: (a) José Antonio de Carvalho Junior.

Testemunhas:

(a) Paulo Ferreira da Costa
(a) Sebastião Gomes de Magalhães.

Não ha duvida de que a receita foi aviada na pharmacia do sr. Simões. Mas tê-lo-ha sido no mesmo dia em que foi formulada ou no dia em que foi ministrada?

Responde, por nós, a declaração que acima publicamos. Poderiamos juntar-lhe algumas declarações. Não o fazemos porque são dispensaveis.

Accentuaremos apenas que a purga deve ter sido ministrada no dia 1 de novembro, pela manhã, segundo a indicação do sr. dr. Eduardo de Moura.

Ha, afinal, apenas indícios de prova d'uma segunda infracção ou ha prova completa? Para nós, como já afirmámos, sem querer duvidar da probidade da creada da sr.^a D. Ismenia, ha indícios de prova, tão claros que formam no nosso espirito a convicção de que a infracção se deu realmente.

Mas nós só nos atrevemos a julgar, como fizemos relativamente á primeira infracção, quando a prova se nos apresenta absolutamente completa.

Fóra d'isto, não nos cumpre julgar, mas sómente apresentar todos os elementos de prova, da maneira mais independente possivel.

E' o que a consciencia nos diz termos feito. O publico que julgue.

Se o fizemos com honestidade, determinado apenas pelo desejo de cumprir o dever que nos impõe o proprio acordo assignado pelo sr. Simões e pelos seus collegas, não nos compete a nós dizê-lo. Sujeitamo-nos ao julgamento da opinião publica.

E, para terminar, declaremos:

As nossas relações com o sr. Simões são as mais cordeas. Mas, ainda que houvesse algum motivo de animosidade contra elle, teriamos a força de vontade bastante para o recalcar bem fundo na nossa alma, subtraindo-nos assim á sua influencia.

NOTICIARIO

Fallecimentos — Falleceu, no dia 3, no Porto, a menina Adelaide Saldanha, estre-mecida filha do nosso presado amigo e conterraneo sr. Jayme Pereira Saldanha, habil e considerado ourives naquella cidade.

A desditosa Adelaide, que

olhando para o dono e nivando. Intrigado, parou e poz-se a interrogar o cão com a ingenuidade de uma creança que era:

—Que é isso, Fiel?

O animal, agitando a cauda freneticamente, nivava com desespero.

O pastor decidiu-se a segui-lo. Galgaram ambos até ao alto da colina. Ali, o pastor espraçou a vista pelos campos e viu as pacificas vacas da sua vizinha, a Maria Joaquina, muita tranquilladas, espalhadas, a repousar.

Mas o cão puxava-o para um monte de pedra de uma parede der-ruida, que mascarava uma porção do terreno. Dirigiu-se para ali, e logo, um espectáculo inesperado se lhe deparou.

No solo, desmaiada, jazia uma rapariga da idade d'elle, toda des-composta e ferida, a julgar pelo sangue que se lhe via nas roupas. Era a guardadora do gado, a propria filha mais nova da Maria Joaquina.

O Antonio — tal era o nome do

contava apenas 11 annos, era o encanto dos paes que a adoravam. Comprehendemos a vis-sissima dôr que os tortura, e, reconhecendo que não ha balsamos para ella, d'aqui lhe enviamos a expressão sentida das nossas condolencias, como prova de affectuosa sympathia.

—Tambem falleceu no Porto o nosso presado amigo sr. Francisco Pinto, digno empregado da Alfandega d'aquella cidade e distincto collaborador da *Soberania d'Agueda* e d'outros jornaes.

Francisco Pinto, natural de Agueda, onde contava em cada cidadão um amigo, impunha-se á sympathia e estima de quem tinha a felicidade de o conhecer, pelas suas excellentes qualidades de espirito e coração.

Lamentamos sinceramente a morte do bom e alegre Francisco Pinto, e enviamos á sua ex.^{ma} familia sentidos pesames.

Consortios — Consortiaram-se, ha dias, em Aveiro, os nossos amigos srs. drs. Alberto Ruella e Aurelio Marques Mano, distinctos quintanistas de Direito, o primeiro com a sr.^a D. Alcide Estrella de Lima e Castro, e o segundo com a sr.^a D. Eulalia de Lima e Castro, gentis filhas do considerado capitalista, sr. Alfredo Lima e Castro, residente naquella cidade.

Aos noivos desejamos as mais radiosas venturas.

Desgraça — Na sexta-feira deu-se em Espinho um grande desastre, de que foram victimas nove pescadores.

Pelas nove horas da manhã, e á distancia de 500 metros da costa, um barco de pesca voltou-se, mergulhando na agua os seus 36 tripulantes.

Como é natural, logo que se soube da desgraça, a população de Espinho juntou-se á beira do mar inclemente, olhando-o com enorme dôr e desespero. Foi então que o arraes Arruda, tomando com 35 homens, o barco «Senhor dos Afflictos», se dirigiu ao ponto do sinistro.

Mal o barco lá chegou, começaram a ser recolhidos os naufragos. Infelizmente, não foi possivel salvar nove, e todos teriam morrido, se não fosse o arrojo do Arruda e dos seus companheiros.

nosso pastor—era um simples rustico, honesto e bom. Desde muito pequeno orfão, tinha entrado ao serviço de um lavrador, aprendendo, na escola rude da servidão e humildade, a respeitar todo o mundo. Era por isso, tambem, compassivo.

O seu primeiro impeto foi o de se retirar discretamente, mas o des-maio da pobre pequena commoveu-o; e erguendo-a por debaixo dos braços, sentou-a, encostada aos escombros do muro, e tomando á jarrinha com agua que ella tinha ao seu lado, banhou-lhe o rosto formoso, d'onde tinham fugido as rosas delicadas.

Voltou a esbelta rapariga a si, e vendo o pastor, soltou um grande grito de terror.

O Antonio, summamente surpre-hendido, olhava-a.

—Metto-te medo, rapariga? disse elle.

Ao som d'aquella voz juvenil e conhecida, a rapariga pareceu voltar a si, de um sonho cruel.

—Não! não! retrucou ella numa voz clara e breve, e rompeu em soluços.

Automoveis — Na quinta-feira, á entrada da rua do Matoito, d'esta villa, deu-se um abalroamento entre um automovel e um carro. Felizmente, não houve desastres pes-soaes.

NOTICIAS PESSOAES

Partidas e chegadas

Com a sua esposa e filho Mario, distincto alumno do Lyceu Alexandre Herculano, retirou para o Porto, onde é muito digno empregado na Inspeção Escolar o nosso amigo sr. José Martins de Pinho.

—Retiraram: para Coimbra os srs. Diniz Severo Correia de Carvalho, estudante da Universidade, e João Martins de Pinho, alumno do seminario; para Lisboa o sr. José Affreixo, alumno do Real Collegio Militar; e para Aveiro os srs. Edmundo Coelho de Magalhães, Evaristo Fernandes Mascarenhas e Manuel Dias de Carvalho, estudantes do lyceu.

Estadas

Tem estado no Porto, a tralarse dos olhos com o distincto medico sr. Dr. Ramos de Magalhães, o sr. Sebastião de Carvalho, alumno do 5.º anno do lyceu d'Aveiro e filho do nosso amigo e conterraneo sr. José Antonio de Carvalho.

Foi visita-lo hontem o seu irmão e nosso amigo José A. de Carvalho Junior, encontrando-se quasi restabelecido, o que muito estimamos.

—Com a sua esposa, a sr.^a D. Maria Vidal, esteve aqui na quinta-feira o sr. Orlando Peixinho.

—Com a sua ex.^{ma} esposa esteve em Aveiro na sexta-feira o nosso presado amigo e distincto poeta sr. Vidal Oudinot.

Anniversario

Pelo seu anniversario natalicio, que passou ha dias, felicitamos o nosso illustre amigo sr. Conde d'Agueda, nobre governador civil do districto d'Aveiro.

Délivrance

Deu á luz uma gentil creança do sexo feminino a esposa do nosso presado amigo Antonio da Silva Branco, digno encarregado da estação telegrapho postal d'Agueda. Os nossos cordeas parabens, com o desejo sincero de que a recém-nascida seja muito feliz.

O Antonio sentou-se ao lado d'ella, meigamente, para lhe inspirar toda a confiança, e disse-lhe com bondade:

—Conta-me tudo o que tue sece-deu.

A rapariga, com as mãos sobre os olhos, ora soluçando, ora indignando-se, em combate com o pudor proprio do seu sexo e idade e com a semcerimonia e ingenuidade selvagem de uma filha dos campos, contou minuciosamente, como acabava de ser violada pelo infame ladrão e mendigo d'estrada.

Por unica resposta, o pastor ergueu-se livido e correu para o lugar onde suppunha encontrar ainda o desconhecido, mas o homem desaparecera.

O rapaz voltou desapontado para junto da sua protegida. Esta que o tinha seguido com a vista, quiz saber o que elle procurava.

Contou-lhe o Antonio o que ella não sabia, por ter desmaiado.

—E se tu o encontrasses, o que

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 30

(RETARDADA)

Depois d'um rigoroso inverno que nos trouxe em sobresalto durante alguns dias, appareceu de novo o lindo sol, mostrando-se, já, embora a medo, na quarta-feira.

—Causou aqui profundo sentimento a noticia da morte do sr. Manuel Dias Sequeira, de Loure. O saudoso extinto era um abastado lavrador e vogal da junta de parochia de S. João de Loure, lugar que sempre desempenhou com muito zelo. A' inconsolavel viuva, a sr.^a D. Maria Dias Sequeira, e demais familia, os meus affectuosos e sentidos pesames.

—Reuniram no dia 28 as classes de construcção civil, para protestarem contra a attitudde do patronato de Thomar que não permite que os caixeiros se filiem na Associação da sua classe, e para se occuparem do conflicto provocado por alguns empreiteiros da classe dos estuadores que intentaram um processo contra noventa operarios da mesma classe.

Depois de fallarem varios oradores, foi approvada uma moção para que a assembleia se solidarise com os caixeiros e estuadores na luta contra a classe patronal e o dever de dirigirem um apello aos seus associados para que compareçam na audiencia do julgamento a que vão ser sujeitos os estuadores, como manifestação de solidariedade com estes.

—No dia 28 morreu instantaneamente, fulminado por uma corrente electrica, um empregado das linhas telephonicas.

Melicias.

Oliveirinha, 5

Mais uma vez faltei á minha promessa, feita ha tempos, de que seria um assiduo correspondente deste jornal. Quem confessa não merece castigo. Tenham paciencia os meus caros leitores, (se é que algum me lê), mas a preguiça é doenca que ataca muito boa gente.

—Falleceu hoje, com a bella idade de 110 annos, a sr.^a Maria Guia, exposta da Santa Casa de Misericordia, e durante muitos annos creada do fallecido conselheiro Castro Mattoso.

—Acha-se doente o sr. José Diniz Ferreira, pae dos meus amigos srs. José e Diamantino Diniz Ferreira.

—Com a sua ex.^{ma} familia, tem estado aqui o meu amigo sr. Diamantino Diniz Ferreira, digno proprietario e director do muito conhecido e bem conceituado Collegio Mondego, de Coimbra.

—No proximo n.º fallarei da distribuição do correio nesta freguezia, assumpto de que já me occupei, ha alguns mezes, sem que até hoje tenham sido remediados os males que apontei.—C.

S. João de Loure, 28

(PARTICULAR)

Consortiaram-se, ultimamente, a sr.^a Maria Fernandes da Silva, e o sr. Joaquim Nunes da Silva, a quem desejo as maiores venturas.

—Vindo de Lisboa, chegou aqui o sr. Antonio d'Almeida, mais conhecido por «Antonio Abade».

—Deve realisar-se, no proximo domingo, nesta localidade, a festa em honra de S. Silvestre. Na vespera, haverá entremez, e no dia as mesmas solemnidades dos annos anteriores.

—A' hora em que escrevo, 10 da noite, chega-me a noticia de que furtaram, do coradoiro, ha poucos momentos, um cobertor pertencente á sr.^a Anna Dias Ralla.

—Os gatunos continuam a frequentar com bastante actividade as capoeiras das

lhes fazias? perguntou a rapariga, olhando-o profundamente.

—Matava-o, respondeu o rapaz laconicamente.

Havia tanta virilidade, tanta energia tanta nobreza d'alma no tom d'esta resposta, que a rapariga ficou desde aquelle instante captiva de admiração pelo Antonio, e os seus grandes olhos castanhos e os seus labios a que tinha voltado a côr, moviam-se em sorrisos deliciosos.

E depois de uma pequena pausa, ella perguntou:

—E tu, conhecel-o?

—Nunca o vi. E tu?

—Tambem é a primeira vez que vejo aquelle malvado, para infelicidade minha.

E a pobre pequena entrou a soluçar. Aquella aventura tinha-lhe aberto repentinamente os olhos' adiantando a sua emancipação.

O Antonio, que até aquella tarde fatal se tinha apenas limitado a saudar a rapariga, quando a encontrava, sentia agora por ella uma grande compaixão e interesse.

gallinhas. São tantos os queixosos que não tento sequer apresentar os seus nomes.

—Não me recordo de que as cheias do Vouga attingissem as proporções da de este anno. Os prejuizos, que são muito importantes, só poderão calcular-se bem, depois das aguas terem descido.

—Falleceu, repentinamente, no visinho logar de Loure, o sr. Manuel Dias Sequeira.

O extinto, que era um cidadão digno, popular e amigo dos pobres, contava apenas 43 annos de idade.

O seu funeral, que foi muito concorrido, teve lugar no dia 24, assistindo a este acto varias pessoas de todos os logares vizinhos. Chegado o prestito á igreja, houve officios de corpo presente, com a assistencia da musica «velha» d'aqui.

O funeral do sr. Sequeira foi a affirmação completa de quanto elle era querido e respeitado por todos.

A' inconsolavel viuva, sua filha e mais familia enlutada, envio sinceras condolencias.—C.

Costa de Vallade, 30

(RETARDADA)

Foi tristissimo o Natal, este anno. Sobre o paiz pesa uma enorme calamidade. As chuvas, a trovoadas, o temporal assustador, transformaram os nossos campos, dando a alguns o aspecto de verdadeiros mares. Ha povoações inundadas e muitas familias lutando com a miseria.

Esta terra não foi, decerto, das que mais soffreram com os temporaes. Em todo o caso, alguns prejuizos ha a lamentar. Felizmente, não se deram desastres pes-soaes.

—Em goso de ferias, encontra-se aqui o nosso amigo José Costa. Os meus cumprimentos.

—Retirou para Fermentellos (Agueda) o meu amigo sr. Francisco David Moita, digno proposto da estação telegrapho-postal d'aqui.

—Está melhor a sr.^a D. Maria Sobreiro.

Juvenal.

Alquerubim, 30

(RETARDADA)

Os ultimos temporaes fizeram muitos estragos nas estradas, especialmente na que vae d'Aveiro á Barra e Costa Nova, não custando menos de 10 contos de reis a sua reparação.

A que vae d'Aveiro a Agueda foi coberta pela cheia do Vouga e Agueda, em Azurva, Ponte da Rata e Agueda, ficando o empedrado todo escalabrado e sem sabro na extensão de 2 kilometros.

A d'Angeja a S. João de Loure, teve a mesma sorte na extensão de 4 kilometros.

Todas as marinhas de sal da Ria de Aveiro, foram muito prejudicadas, não só nos muros, como no sal que se derreteu com a cheia, calculando-se os prejuizos em 40 contos de reis.

Subscrição aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officias d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

Transporte	463\$150
Manoel Ferreira Barbosa	1\$300
João Marques Graça Junior	1\$300
Clemente Ferreira das Neves	1\$300

Somma 167\$050

—Tu és bonita, disse elle do repente, e precisas de alguém que vele por ti, n'este descampado. Conta commigo.

A interessante pequena olhou-o longamente, como só as mulheres sabem olhar, mesmo quando são guardadoras de gado, e estendendo para elle a fronte ainda não crestada, abriu os braços em que o Antonio se precipitou, apertando-a d'encontro ao coração e dando-lhe o primeiro beijo d'amor.

D'ali em diante, guardavam o gado juntos, e de commum accordo resolveram sepultar entre elles o segredo da aventura do ladrão ou mendigo. Por espaço de quatro annos, amaram-se doidamente, até que findaram por se casar, como toda a gente.

Sómente, quando ladra algum dos seus cães, o Antonio não pôde repremir um sobresalto, e como a esposa é muito nova e bonita, corre logo a verificar o que é.

José Maria da Costa.

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

GRAMMÁTICA ELEMENTAR
DA
LINGUA PORTUGUEZAPARA
USO DOS ALUMNOS
D'INSTRUÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR
ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino, tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Tem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de nstrução primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrução Primaria, por A. M. F.

3.ª edição. 400 réis

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 réis Encadernado 350

MANUSCRITO

DAS
ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 réis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Deposito de Material Escolar Modelos aperfeiçoados de: Carteiros, Caixas metricas, Contadores etc. Espheras terrestres e armillares. Museu escolar e Mappas Geographicos.

Preços muito reduzidos

Manuscripto das Escolas Primarias

POR
Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variadissimos de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e atrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alquem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte.

Depois, o preço é tão modico, 120 réis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR
VIEIRA DA COSTA

OS TRISTES

POR
FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO
POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:—Collecção de 12 quadros em papel, 306 réis. Collecção de 12 quadros collados em cartão, 27300 réis.

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.—32 paginas—50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfasiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, cons-

tituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhacastigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas «A Moral» e a «Litteratura»; de, pois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

À venda em todas as livrarias



AGENCIA COMMERCIAL E MARITIMA

LEGALMENTE HABILITADA

DE

Joaquim L. G. Moreira

Agente de todas as companhias maritimas Venda de passagens para todos os portos do Brazil e Africa. Solicitam-se passaportes bem como todos os documentos para os obter. Tratam-se licenças aos reservistas de 1.ª e 2.ª reservas. Despachos de vinhos e outras mercadorias para todas as partes, etc.

Avenida Bento de Moura (em frente ao mercado Manoel Firmino)

AVEIRO

PORTO

TYP. DE A. F. VASCONCELLOS, SUC.

51, Rua de Sá Noronha, 59

Esta officina encontra-se em condições de executar todos os trabalhos typographicos

MAPPAS, OBRAS DE LIVRO, BILHETES DE VISITA E DE ESTABELECIMENTO, THESES, FACTURAS, ROTULOS DE PHARMACIA, JORNAES, ETC.

Officina de encadernação Carimbos de borracha

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semnario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:

R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Portugal—anno 1\$200
« —semestre 600
Africa —anno 1\$500
Brazil—anno—(moeda forte) 2\$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha. 10 réis
Communicados, cada linha. 20 »

Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Cam. Int.

3.º ANNO—N.º 3